

## Em busca de familiaridades

MARIA CRISTINA ZELMANOVITS \*

**Em que medida é possível entrelaçar o ser-fazer-saber** das famílias com o ser-fazer-saber das escolas, para garantir o direito de aprender de nossos meninos e meninas?

Essa foi a pergunta que norteou a escolha de conteúdos e estratégias utilizados nos encontros<sup>1</sup> com dez famílias do Barreiro, região com população predominantemente operária, no sul de Belo Horizonte, distante 18 km do centro.

Apostando que a participação ativa e substantiva das famílias depende de um processo de animação e empoderamento delas próprias e, igualmente, de uma vontade política das escolas, três instituições se reuniram – Secretaria Municipal de Educação, Fundação Itaú Social e Cenpec – em torno do trabalho ora apresentado.

A opção por estudar com as famílias alguns conteúdos mais densos baseou-se em três idéias-chave:

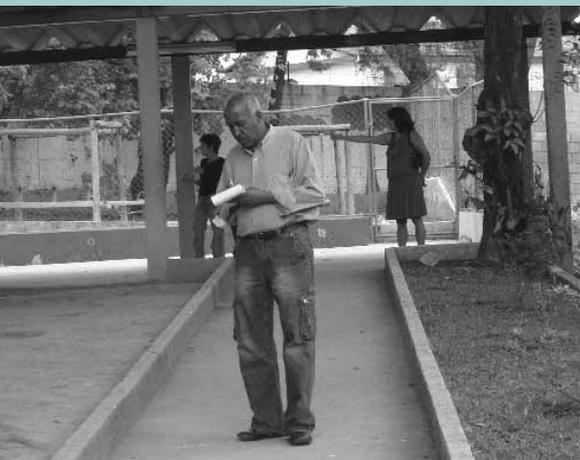
- Toda pessoa pode avançar em sua aprendizagem, independentemente de seus pontos de partida, ou seja, da distância em que se encontram seus saberes e determinado objeto do conhecimento.
- “As pessoas sabem o que querem, mas também querem o que não sabem.”<sup>2</sup>
- A apropriação de determinados conteúdos e de aspectos da cultura escolar permite às famílias entradas mais qualificadas nas discussões.

### Três módulos organizaram o trabalho:

1. **Os sentidos da aprendizagem** – módulo em que foram propostos, aos participantes, sobrevôos pelos sentidos do conhecimento, de forma mais geral, e visitas mais específicas à língua portuguesa, matemática e arte.

\* MARIA CRISTINA ZELMANOVITS é pedagoga e coordenadora de desenvolvimento metodológico do Cenpec. Tem atuado como assessora de projetos de literatura e artes.





2. **Os diferentes espaços de aprendizagem** – módulo em que os participantes pesquisaram e discutiram a existência e o uso dos espaços da escola e da comunidade, no trabalho desenvolvido com os alunos.
3. **Produção de textos<sup>3</sup>** – módulo em que os participantes foram convidados a colocar em jogo o que já sabiam e o que aprenderam durante os encontros, a fim de construírem textos com sugestões para que escolas, famílias e comunidades passem a se unir na luta pela melhoria da aprendizagem dos alunos das escolas públicas.

Apesar de a professora tentar ensinar diferente, às vezes ela não percebe que os alunos estão escrevendo com a linguagem da rua. Mesmo errado, eles conseguem passar o que querem passar: a gente entende.

*Trabalho em grupo*

A língua que caminha solta pelas ruas tem objetivo de informar, orientar; a língua ensinada na escola atende a outros objetivos também. Há diferenças entre as línguas: na escola há uma preocupação em falar corretamente e na rua não há esta preocupação.

*Trabalho em grupo*



Na loja de ervas os alunos podem aprender a ler os nomes das plantas, pesquisar seus nomes científicos, pesquisar a utilidade... A escola poderia produzir um livro com receitas de ervas, como um Livro de A a Z.

*Trabalho em grupo*

## A escola e a família

**A responsabilidade de ensinar a criança a ler e a escrever** é da escola. Esta é uma das funções da escola: a alfabetização de todos os alunos. Os pais podem ajudar cumprindo com a responsabilidade de ensinar os filhos a respeitarem os professores e os colegas, os horários de aula, as regras escolares, colocando os filhos em contato com os livros, contando histórias para que assim eles se interessem mais em ler e escrever.

Quanto à matemática, a escola precisa ensinar as contas, a tabuada, a resolução de problemas. Mas os pais também podem ajudar os filhos, por exemplo, através dos jogos, como baralho, vira-cartas, porrinha<sup>4</sup> etc., pois assim as crianças também aprendem a conhecer os números, a contar, somar, multiplicar, diminuir, dividir, respeitar as regras, respeitar o outro, ganhar e perder, que são coisas que fazem parte da vida.

Nas aulas de arte, é preciso que a escola vá além do desenho e da pintura. Os alunos também precisam trabalhar com teatro (interpretação, construção de cenário e figurino, montagem da peça, memorização de falas), dança, música e outras formas de linguagem.

A escola também precisa garantir visitas a espaços em que a arte está – museus, teatros, cinemas, nas ruas. Até na televisão tem arte e a escola precisa

discutir isso com seus alunos. Os pais podem ajudar levando seus filhos a feiras de artesanato, museus, teatros, exposições etc. Visitas a estes espaços podem fazer com que meninas e meninos se interessem em pintar, fazer teatro, danças e outros.

Os espaços das escolas apresentam várias possibilidades de aprendizagem aos alunos. A árvore na escola não serve só para dar sombra, serve também para ajudar na sobrevivência de cada um de nós, porque a natureza é o oxigênio que nós respiramos. Estudar biologia nas tantas árvores que não dão fruto e nas que dão, ensinar os alunos a importância de cada espécie, o respeito à natureza é utilizar melhor os espaços. Muitos pais e mães, mesmo sem ter ido à escola, são grandes conhecedores das plantas e podem ajudar nas aulas de ciências.

A entrada da família na escola pode passar para o professor a oportunidade de conhecer melhor a família do aluno e, sendo assim, os professores têm mais apoio e mais conhecimento sobre os alunos. Além da escola, cada aluno precisa ter o apoio da família para aprender. Estudar é um direito de todos. Espero que a garantia da frequência e da aprendizagem na escola possa fazer com que os alunos sejam respeitados como cidadãos de direito.

*Eva Augusto Lima, mãe.*

## Percursos de aprendizagem

Cada um dos módulos traduziu-se em muitos assuntos. A seguir serão explicitados alguns dos percursos pelos quais o grupo caminhou.

### No módulo 1, mais extenso de todos, as famílias puderam:

- conhecer a história de uma instituição (escola) que, ao longo do tempo, tem se ocupado com a socialização de conhecimentos, seus avanços e seus desafios atuais (vídeo “*Toda criança na escola*”, da série Convívio Escolar – TV Escola);
- reconhecer a importância das aprendizagens que se dão fora dos muros da escola (histórias pessoais, leitura de fotografias e desenhos, leitura de crônicas);
- discutir as relações entre escola e família (vídeo *Pais: inimigos ou aliados*, da série Convívio Escola – TV Escola);
- descobrir as condições a serem garantidas para a formação de leitores e escritores dentro e fora da escola (análise de produções infantis, ida à biblioteca municipal, análise de vídeos de sala de aula, conversa sobre trecho do documentário *Língua – vidas em português*, vídeo *Como as crianças aprendem a gostar de ler*, da série Livros e etc. – TV Escola, pesquisa na comunidade);

- estabelecer relações entre os saberes matemáticos e a vida (vídeo *Jogos e atividades para trabalhar as operações*, da série PCN na escola – Matemática – TV Escola, ampliação do repertório de jogos, confecção de jogos);
- estabelecer relações entre arte e cultura (análise de obras e de seus contextos, ida à exposição de arte, produção de desenho, pintura e colagem).

#### No módulo 2, foi possível:

- elaborar roteiro de observação das escolas e entrevistas;
- investigar o que os espaços das escolas contam sobre as aprendizagens dos alunos, ou seja, como a escola comunica o trabalho que realiza (análise de vídeos e realização de pesquisa e entrevista nas escolas);
- socializar e conhecer experiências de trabalho bem-sucedidas entre escolas e comunidades (relatos orais e análise de produções infanto-juvenis).

#### No módulo 3, foi proposto:

- planejar o que escrever ou o que ditar para ser escrito;
- reforçar o sentido da autoria dos textos, pensando inclusive em quem não domina a escrita convencional (análise de trecho inicial do filme *Central do Brasil*);
- dividir tarefas;
- produzir os textos e revisá-los.

Estudos, leituras, análises de vídeos, pesquisas, análises de produções infanto-juvenis, entrevistas, conversas, explorações, produções... Eis os alimentos oferecidos para que as famílias conhecessem as regras do jogo.

Sem dominar essas regras, como jogar com as escolas? Como conversar nas escolas sobre os resultados das aprendizagens dos filhos? Como dialogar, somar, criticar, propor?



Uma leitura aprofundada dos textos produzidos pelas famílias traz à tona muitas indicações de possibilidades para seu envolvimento com a vida escolar dos filhos e para o envolvimento das escolas com a vida familiar de seus alunos.

- Em um de seus textos, Fátima de Oliveira sinaliza que o fortalecimento do ponto de vista psicossocial e cultural das famílias é fundamental quando queremos tornar os pobres mais competentes para acessar e usufruir bens, serviços e riquezas societárias.

Paro e penso que é maravilhoso poder conhecer e falar com pessoas que têm um grau de estudo maior e tratam a gente como ser humano e dão oportunidade da gente falar e aprender [...]

*Trecho do texto de Fátima de Oliveira*



- Ao descrever as condições em que famílias pobres vivem, Maria das Dores Linhares mostra ser profundamente necessário produzir conhecimento mais denso sobre a trajetória dessas famílias e sua relação com serviços públicos.

Fui criada com muita dificuldade. Sou a mais velha de 12 irmãos. Tive muita dificuldade para estudar. A escola era muito longe de onde nós morávamos. Não tinha conforto nenhum, nem material direito para estudar. Os vestidos eram dois, de chita: um pra estudar e outro pra ir à missa nos domingos. Não tinha agasalho – quantas vezes eu passei a noite com os meus dois irmãos no colo, na beira do fogo para aquecer do frio. Eles choravam a noite toda de frio porque não tinha coberta e nem uma casa direito. Era casa barreada, cheia de buraco. Andava duas horas de estrada cheia de pedra (que diz cascalho). Mesmo assim, com todo esse sacrifício, eu estudei até a 4ª série e depois fui trabalhar em casa de família pra ajudar meus pais. Quando eu estava estudando ajudava meu pai trabalhando na roça. Meu pai era muito rigoroso com a gente. Ele colocava a gente pra trabalhar na enxada. Nós não podíamos pegar nem no caderno pra fazer “para casa”. Nem fazer leitura. Só na escola a gente estudava. [...]

*Trecho do texto de Maria das Dores Linhares*

- Na entrevista em uma escola municipal, tendo como pano de fundo a relação professor-aluno, Maria Elizânja Martins propõe um exercício interessante: o confronto de diferentes pontos de vista com chances de aproximação.

Os adolescentes em sua maioria falam gírias, são rebeldes, ousados. Por que não trabalhar com as gírias, saber o significado delas? Usar positivamente a ousadia dos adolescentes em teatros, danças, jogos, desafiando a rebeldia na construção de algo proveitoso e com conteúdo?

*Trecho do texto de Maria Elizânja Martins*

- Maria José Carvalho revela a necessidade das conversas entre pais e escolas ser alimentada pela produção cultural mais ampla.

Se eu fosse professora, eu discutiria com as mães sobre o assunto do comportamento das crianças e dos adolescentes. Vendo as palestras da Rede Minas – TV Cultura eu aprendi muito sobre isso.

*Trecho do texto de Maria José Carvalho*

- Maria Inez do Carmo complementa esta idéia falando que, quando familiares ampliam seus conhecimentos, conseguem contribuir mais para as aprendizagens de seus filhos.

Mesmo sem saber ler, a mãe e o pai podem incentivar trazendo para casa revistinha, pedindo livro emprestado para parente e vizinho, levando o filho para a biblioteca pública. O importante é que o filho veja que eles dão valor ao estudo.

*Trecho do texto de Maria Inez do Carmo*

- Ao dizer que cidadãos de direito são feitos de oportunidades e aprendizagens, Eva Augusto explicita possibilidades de complementaridade entre escola e família para a garantia da cidadania.

A escola também precisa garantir visitas a espaços em que a arte está – museus, teatros, cinemas, nas ruas. Até na televisão tem arte e a escola precisa discutir isso com seus alunos. Os pais também podem ajudar levando seus filhos a feiras de artesanato, museus, teatros, exposições etc.

*Trecho do texto de Eva Augusto*

- Explorando as oportunidades de aprendizagem contidas nos diferentes espaços da escola e da comunidade, Maildes de Araújo e Sandra Pereira mostram que não basta a existência de espaços, é preciso discutir seus usos.

O pátio é um espaço que está sendo usado apenas para as crianças correrem e às vezes brigarem. Penso que este espaço deveria ser aproveitado para as crianças aprenderem a brincar e a resolver brigas. Poderiam conhecer mais jogos, brinquedos e brincadeiras tradicionais (pé-de-lata, rouba-bandeira, pique-esconde etc.) e também praticar dança, apresentar teatros e músicas.

*Trecho do texto de Maildes de Araújo*

Parques ecológicos podem ser usados como lazer e ao mesmo tempo contato com a natureza e estudo do meio ambiente. Também temos na cidade várias bibliotecas públicas, teatros, museus...

*Trecho do texto de Sandra Pereira*

- Públio de Carvalho entende que, isoladas, escola e família podem muito pouco. Aliadas com um objetivo comum – a educação de crianças e adolescentes – e se somando aos demais serviços e projetos da comunidade, daí sim, podem alavancar ao máximo as possibilidades de aprendizagem do grupo infanto-juvenil de determinado território.

Escola e família são instituições separadas, mas ao mesmo tempo é uma educação conjunta, onde as duas têm que ser parceiras por

um tempo da vida de cada um de nós. [...] Mesmo que a escola e família façam sua parte, ainda é preciso garantir condições e materiais para os alunos estudarem; reunir agentes de educação, saúde e assistência social para acompanhamento dos alunos pobres e suas famílias; financiar estudo universitário com menos burocracia.

*Trecho do texto de Públio de Carvalho*

- Mesmo reconhecendo avanços significativos, Lúcia Mognato observa que ainda há muito caminho pela frente. É preciso um diálogo feito de confiança mútua entre escola, família e comunidade, para não reduzir a escola a um equipamento da rede de ensino. Esse diálogo exige esforço, comprometimento, olhar e cuidado de todos nós.

A Escola Integrada foi criada com o objetivo de melhorar a aprendizagem e a integração dos alunos com a cidade em que vivem, já que vários lugares públicos, como parques, praças, campos esportivos, teatros, museus passam a funcionar como salas de aula. A idéia é boa, mas ainda não me sinto satisfeita, pois vejo vários ocos neste projeto: na prática nem sempre se consegue encontrar o apoio necessário daqueles que coordenam.

*Trecho do texto de Lúcia Mognato*

Tanto temos lido, ouvido, falado sobre educação atualmente... O mapa que reúne fragilidades e consistências e que se desenha com idéias das mais intelectualizadas às mais intuídas parece ainda borrado. Outras vezes, o mapa dá a sensação de que faltam alguns pedaços.

O sentido da publicação produzida pelas famílias é trazer sua voz para essa composição. Voz que pede validações, discordâncias, complementações, debates.

Pede movimento.

Este movimento é o que vem sendo construído em Belo Horizonte.

## NOTAS

- 1 13 encontros de 3 horas e meia cada, contando ainda com a participação e a colaboração de professores comunitários e profissionais das secretarias da educação e da assistência social.
- 2 Frase dita pelo ministro Gilberto Gil durante o discurso de abertura do Prêmio Cultura Viva, realizado em Porto Alegre, em 2007.
- 3 A reunião dos textos produzidos pelas famílias encontra-se na publicação *A voz das famílias e a escola: com a palavra, as famílias*. São Paulo: Cenpec, Fundação Itaú Social; Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte; 2008 (em fase de publicação).
- 4 Também conhecido como “palitinho”, jogo em que se opera com estimativa.

